

“MOLDADO NA LUTA E SENTADO NO GABINETE”: INTERMITÊNCIAS DE UMA TRAJETÓRIA POLÍTICA¹

Kassia Beatriz BOBADILLA*

RESUMO: O presente trabalho apresenta a trajetória e experiências de uma liderança comunitária de uma favela paulistana desde sua participação em Comunidades Eclesiais de Base (CEB), passando pela entrada no Movimento de Defesa do Favelado (MDF), até sua recente indicação para um cargo comissionado na subprefeitura do bairro e atuação nesse espaço institucional. Acompanhando a biografia desse meu interlocutor, no que tange aos seus trânsitos e deslocamentos no campo movimentista e da política institucional, também busco mostrar como essa liderança concilia diferentes repertórios de ação em meio às redes sociais e espaços nos quais circula e participa. Mais do que estabelecer clivagens ou delimitar fronteiras entre Estado e movimentos sociais, é através da atuação de um ator concreto que procuro mostrar como essas esferas estão em constante interação, negociação e conflito fazendo com que essa relação seja estabelecida e/ou reificada a cada contexto e situação política.

PALAVRAS-CHAVE: Liderança comunitária. Favela. Etnografia política. Antropologia da política.

Introdução

Sei lá, às vezes eu olho pra trás e vejo onde cheguei, pra onde eu tô indo. Eu fico meio em crise sabe, quando me vejo mais sentado no gabinete² do que

* Mestre em Ciências Sociais. UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo – Pós-Graduação em Ciências Sociais. Guarulhos – SP – Brasil. 07252-312 - kassiabobadilla@yahoo.com.br

¹ Este artigo apresenta alguns resultados parciais de minha atual pesquisa de mestrado, a qual conta com o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

² A partir desse ponto, expressões e termos nativos serão citados em fonte itálica.

presente na luta. Eu me pergunto, eu fui cooptado? Acho que não, eu sei que é importante a gente ocupar esses espaços institucionais também.

[Trecho da fala de André³ – educador do Movimento de Defesa do Favelado e supervisor de habitação na subprefeitura]

Com um tom de confiança, em meio a um ato dos movimentos de moradia na avenida Paulista, André me dirigiu essa sua fala refletindo sobre sua trajetória política e também numa tentativa de justificar sua “ausência” nos atos e manifestações em que o Movimento de Defesa do Favelado (MDF) vinha participando. Designado há seis meses num cargo comissionado na subprefeitura do bairro, sua rotina de **amassar barro** visitando as favelas assessoradas pelo MDF havia se alterado significativamente. O também morador da favela da Vila Prudente agora cumpria uma rotina de trabalho de oito horas na supervisão de habitação, realizando o que ele classificava como **burocracias do Estado**.

Desde o início de minha pesquisa na Favela de Vila Prudente⁴, André me chamou atenção pelo seu envolvimento no meio da política, seja atuando no cotidiano da favela, quanto por sua projeção na militância dos movimentos de moradia e no meio político-partidário. Meu encontro com André ocorreu por uma frequente indicação e citação de seu nome, “você quer falar sobre política aqui na favela, então você tem que falar com o André”, era o que eu ouvia de quase todos moradores com quem conversava.

Em seu reconhecido artigo “A política na favela”, Machado da Silva (1967) daria algumas pistas sobre a particularidade da ação política na favela ao enunciar que as bases geográficas definidas das favelas permitiriam que os processos políticos ali se concretizassem com baixo grau de burocratização bem como de impessoalidade. **Fazer política** na favela pode ser assim comparado a um fazer quase que “artesanal”, que é construído, modelado e aperfeiçoado ao longo de um horizonte de tempo. Tecido no cotidiano de relações de proximidade, muitas vezes permeadas por laços de parentesco e/ou vizinhança que podem impulsionar mobilizações coletivas, afinidades político-partidárias, alianças em torno de disputas por cargos nas associações de moradores e o próprio reconhecimento de “lideranças” ou “porta-vozes” da favela entre seus pares.

Desse modo, as lideranças cumpririam um papel de mediação, o qual presume trocas, comunicação e intercâmbio entre categorias sociais e níveis culturais

³ Com exceção de André e outras figuras públicas, utilizei-me de nomes fictícios nesse texto de modo a preservar a identidade de meus interlocutores de pesquisa.

⁴ Minha pesquisa de campo na favela teve início em julho de 2013.

distintos (VELHO; KUSCHNIR, 2001). A capacidade de circular e aprender códigos e valores dos espaços em que transitam é um dos seus diferenciais, que no caso estudado, garantiriam a André prestígio e repertório para adentrar e permanecer no circuito do **mundo da política**. Não foi mero acaso que André tornou-se uma liderança reconhecida na favela. Como pretendo apresentar ao longo desse texto, a sua notável eloquência e participação em diversas redes sociais lhe permitiu adentrar e disputar espaços importantes para o que ele compreende como a **luta** da favela, sempre reiterada em sua fala como a mais antiga de São Paulo⁵.

Nesse texto busco então analisar os espaços, experiências e redes sociais que perpassam a trajetória dessa liderança. Para a reconstituição da trajetória de meu interlocutor, além de utilizar fundamentalmente o método da observação-participante, também realizei as entrevistas. Dessa forma, procurei estabelecer relações entre o material coletado das entrevistas e os comportamentos e ações desse personagem em campo, pois, como elucida Becker (1994), a observação-participante teria o mérito de tornar difícil que as pessoas e o grupo pesquisado, enredados em suas relações sociais, fabriquem seu comportamento a todo o momento na presença do pesquisador.

Ao longo da pesquisa torna-se notável que ao reconstituir os percursos desse personagem também se pode reconstituir o próprio traçado do território em questão, pois, como sintetiza Vera Telles,

Nos eventos biográficos de indivíduos e suas famílias, há sempre o registro de práticas e redes sociais mobilizadas (ou construídas) nos agenciamentos da vida, que passam pelas relações de proximidade, mas não se reduzem ao seu perímetro. [...] São esses circuitos e conexões que as trajetórias urbanas permitem apreender e que interessa compreender: a natureza de suas vinculações, mediações e mediadores, agenciamentos da vida cotidiana que operam como condensação de práticas diversas. (TELLES, 2006, p.71-72).

Mallart (2014) acrescentaria que reconstruir a trajetória de um determinado personagem é “traçar a multiplicidade dos espaços e dos tempos nos quais um

⁵ Reconheço aqui um uso estratégico e político da memória e da historicidade da favela por suas lideranças e moradores, ponto que pretendo abordar em minha dissertação de mestrado. Não obstante, vale ressaltar que em consulta a jornais da década de 1950, das favelas existente na grande São Paulo durante o período, apenas a favela de Vila Prudente ainda existe e resiste. Ver em Taschner (2001) e Kowarick (2009).

destino singular se desenrola” (MALLART, 2014, p.37). Nesse sentido, a partir das conversas e entrevistas com André, pude perceber como a narrativa de André traz elementos extremamente interessantes que evidenciam um “olhar nativo” sobre sua própria trajetória, a favela e o **mundo da política**. Nessa dinâmica, passei assim a dar relevância a sua própria expressão da experiência⁶ (TURNER, 1982), uma vez que essa,

[...] conteria relações, conexões, movimentos da vida, experiência social e reflexão dos próprios sujeitos, conteria a expressão da experiência que não prescinde da sua expressão narrativa. A estrutura da experiência conectaria experiência vivida e os sentidos dados e criados pelos sujeitos. (KOFES, 2015, p.35).

Não obstante, busco demonstrar também que nessa relação assimétrica entre pesquisador-pesquisado encontram-se presentes tensões, encenações e “manipulações” de ambas as partes; do primeiro em viabilizar formas de observar e coletar informações relevantes para seus interesses de pesquisa e; do segundo, em filtrar e selecionar o que deve ser dito e o que se deseja mostrar, ou não, ao pesquisador.

O presente texto está então organizado da seguinte forma: num primeiro momento busco apresentar a trajetória de André a partir de trechos de sua entrevista e indicando elementos corriqueiramente acionados em sua narrativa. Na segunda parte do texto, busco mostrar sua inserção múltipla em diferentes espaços de militância e sua atuação e performances, nos termos de Goffman (1985), a partir de sua conjugação de posição e papéis nessas redes e espaços. Por fim, teço algumas considerações finais que procuram contribuir com as análises sobre trajetórias no campo da política e os desafios epistêmicos e metodológicos que envolvem essa empreitada.

⁶ Utilizo aqui a noção de experiência de Turner (1982), que a compreende como intrinsecamente relacionada à narrativa, ao descrever os cinco momentos que constituem a estrutura processual da experiência vivida: 1) algo acontece ao nível da percepção; 2) imagens de experiências do passado são evocadas e delineadas; 3) emoções associadas aos eventos do passado são revividas; 4) o passado articula-se ao presente numa “relação musical” (conforme a analogia de Dilthey), tornando possível a descoberta e construção de significado; e 5) a experiência se completa através de uma forma de “expressão”.

“Fé na luta e mão na massa”: confluências entre Igreja e política

É, eu nunca pensei que eu estaria fazendo isso. Quantas vezes eu fiquei aqui [na Igreja] rezando, pedindo. Ai o Patrick [padre da favela e coordenador do MDF] falava, ‘sua cara é pra política’ (risos). Eu ainda não sei se acredito, mas vamo que vamo né.
[Trecho da entrevista de André]

A fala transcrita foi proferida durante entrevista realizada na igreja São José Operário, logo após o término da assembleia de moradores da Favela de Vila Prudente, a qual André acabara de conduzir. Detive-me a perguntar sobre como ele foi se envolvendo com a política. De fala calma e mansa, porém bastante entusiasmada, André disparava um turbilhão de histórias e ao mesmo tempo mostrava refletir sobre momentos de sua própria trajetória.

Aos trinta e oito anos, o filho de migrantes pernambucanos conta pouco sobre sua fase de adolescente e jovem. “*Nascido e criado na favela*”, como gosta de enfatizar, André restringe-se a dizer que nessa época “[...] *integrava o movimento das arquibancadas da torcida organizada da Gaviões da Fiel, nos bailes blacks e botecos.*” A própria situação da investigação, no meu caso uma pesquisa sobre “política”, contribui inevitavelmente para a construção de um discurso coligido por parte de meu interlocutor.

Desde o início da década de 1990, André conta que sua mãe, D. Dulce, frequentava a reuniões dos movimentos de moradia da região leste de São Paulo. Tendo a acompanhado em alguns momentos de maneira despretensiosa, ele lembra que as mulheres sempre foram maioria nas reuniões do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra Leste ¹⁷. A experiência de sua mãe seria significativa para André, já que ele enfatiza a importância da participação das mulheres na **luta**, ao explicar que isso “[...] *trabalha a autoestima da mulher e a empodera para, por exemplo, combater a violência doméstica.*”

Católica e devota de Padre Cícero, D. Dulce também sempre foi bastante atuante na comunidade⁸ da igreja São José Operário, levando a esposa de André

⁷ Cabe ressaltar que a presença majoritariamente feminina não se faz exclusiva a esse movimento, pois, como Filadelfo (2008) apresenta em sua etnografia sobre o Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC), essa tendência era explicada pelo argumento de que “[...] como a casa e o bem-estar da família seriam preocupações comumente atribuídas às mulheres, a sua maior atuação seria justificada.” (FILADELFO, 2008, p.100).

⁸ O uso do termo “comunidade” para designar os frequentadores da igreja vem da própria ideia das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). André enfatiza isso, justamente para que o termo não fosse confundido como equivalente ou substituto de “favela”.

para participar das atividades. Ele, meio a contragosto, acabou sendo envolvido de alguma forma:

É interessante o modo como eu cheguei até aqui, que foi através da igreja mesmo. Minha mãe era ministra de eucaristia, e no dia que ela foi empossada eu nunca me esqueço. O Murilo [seu filho] era bebê de colo já, a Rita [sua esposa] participava da igreja, tinha virado catequista. E no dia que minha mãe ia ser empossada ministra de eucaristia ela veio lá e falou ‘ah vai lá hoje, eu vou ser empossada ministra’. Pra piorar tudo, eu fui lá e ainda fiz piada, virei e falei ‘ah vai virar ministra, ministro ganha bem! Dá pra me descolar um cargo de assessor então?’ (risos). Aí você vai se envolvendo com a coisa né, vai participando. Eu vinha ajudar numa festa, depois comecei a participar da missa. Quando você percebe, tá até a cabeça de coisas. [Trecho da entrevista de André].

A partir da intensa presença de sua família na igreja é que André começou a frequentar mais aquele espaço. Participando principalmente das atividades promovidas na favela pela igreja. Dessa forma, sua narrativa expõe seu envolvimento com a igreja como algo espontâneo e processual; induzido, sobretudo, por seus laços familiares. O resultado dessa envoltura fez com que, dois anos depois, fosse a vez de André ser empossado como ministro de eucaristia na mesma igreja. A comunidade de São José Operário tinha um diferencial para ele:

[...] perfil aqui é de mão na massa, da fé ser expressa nesse sentido. Eu aprendi, por exemplo, que o crisma, que é confirmação e compromisso, é quando o jovem passa da adolescência pra fase adulta pro cristão. O interessante é que aqui a gente sempre trabalhou com esses dois pilares: confirmação, em que você tá confirmando aquela fé que você aprendeu e recebeu; e compromisso, em que você assume um compromisso aqui. Então a gente sempre trabalhou nessa perspectiva. Qual o compromisso cristão que eu tô assumindo aqui? Na comunidade igreja e aí eu falo na favela, Qual o compromisso que eu assumo aqui, vindo de uma história de que aqui dentro da igreja se discutia a construção da creche, se discutiu o esgoto... Então é um espaço em que se ferve política nesse sentido. De ação política mesmo. [Trecho da entrevista de André].

A matriz discursiva da teologia da libertação é constantemente retomada em sua fala. Leonardo Boff, Dom Oscar Romero e, claro, Dom Luciano Mendes,

grande apoiador do MDF, são sempre lembrados. Justamente ao discorrer sobre a relação da Igreja com o MDF, André analisa:

A relação com a igreja, em que o MDF é fruto, assim como os movimentos sociais também são, o próprio MST... É fruto de uma posição política muito forte da teologia da libertação, de uma leitura, como os chamados 'padres comunistas' (risos)... de uma leitura, uma análise marxista do evangelho.
[Trecho da entrevista de André].

O projeto político do MDF tinha em sua fundação os elementos dessa “nova postura” da Igreja Católica⁹. A aproximação e associação com o marxismo e comunismo exprimiam o contexto político vigente na época. Abro aqui um breve parêntese para contextualizar e abordar o surgimento do MDF, sendo impossível assim fazê-lo sem mencionar o papel central que a Igreja e os missionários católicos¹⁰ tiveram na construção e consolidação de um projeto político popular para a favela (FELTRAN, 2005). Nascido na década de 1970, o MDF é fruto da luta dos favelados da zona leste de São Paulo por melhorias nas suas condições de vida, sob liderança do padre missionário irlandês Patrick Clark, coordenador geral do MDF desde sua fundação, acumulando mais de trinta anos de atuação nas favelas.

As rezas nas casas e os cultos na pequena capela de São José Operário, padroeiro da favela, envolviam a participação de lideranças da esquerda, como o educador Paulo Freire, amigo pessoal de Patrick. Militantes ligados a Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e à Pastoral da Juventude, passaram a reunir-se e para “transformar um mundo de miséria em um mundo de partilha”¹¹. Somavam-se a esses grupos líderes sindicalistas do ABC e intelectuais da esquerda que voltavam do exílio político. No apoio aos trabalhos junto aos setores populares fundavam-se as bases do que se concretizaria, em 1980, com o surgimento do Partido dos Trabalhadores (PT). A Favela de Vila Prudente

⁹ Os trabalhos de Sader (1988) e Doimo (1995) focalizariam suas análises sobre o surgimento desses e outros movimentos populares surgido nas décadas de 1970 e 1980, e demonstrariam a participação de setores de Igreja como intrínseco a esse processo.

¹⁰ Essa abordagem dos missionários católicos tinha a chamada “marca de Medellín” (SADER, 1988) proveniente das discussões da II Conferência dos Bispos da América Latina realizada na cidade colombiana de Medellín, em 1968. Nesse contexto da Igreja Católica, a corrente da Teologia da Libertação ganharia destaque, e engajaria diversos missionários na luta contra as causas sociais da miséria.

¹¹ Reprodução de trecho do folheto de divulgação do trabalho do MDF. Disponível em: <www.mdf.org.br/historia>. Acesso em: 12 dez. 2016.

tornou-se “vitrine” da organização política dos favelados, pois foi através da mobilização comunitária e de recursos financeiros angariados no exterior (via mediação de Patrick) que se viabilizou o mutirão para construção de diversas obras na favela, como uma rede de esgoto, creche comunitária, etc.

O protagonismo e a participação dos favelados nesses processos, diretamente incentivados pelo MDF, culminariam em disputas históricas com políticos da região, que viam na favela um espaço para exercer suas atividades “paternalistas” e “assistencialistas”. Nessa chave da militância que podemos compreender o que Dagnino (1994) analisa ser uma “nova noção de cidadania” emergente a partir da década de 1980, que redefine a ideia de “direitos” partindo de uma concepção de um “direito a ter direitos”. O que implicaria na constituição de sujeitos sociais ativos que também passariam a definir o que eles consideram ser seus direitos. A luta dos movimentos sociais perpassaria, assim, por um reconhecimento de seus sujeitos, os quais se viam excluídos dos processos políticos e reivindicariam uma cidadania “de baixo para cima”.

Em 2003, André utilizou uma de suas licenças de trabalho para participar do III Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre. Esse evento pode ser indicado como um marco na trajetória dessa liderança, como prediz sua própria fala, “sabe, foi aí que me foi apresentado um outro mundo possível, né?” O contato de André com um “outro mundo” pode ser compreendido pelo contato com pessoas de diferentes lugares do mundo, ativistas de diversas causas, um espaço ampliado de debate político na qual ele se viu imerso pela primeira vez. Ao voltar de Porto Alegre, padre Patrick lhe fez um convite:

Aí o Patrick chegou pra mim e falou: ‘escuta, a gente tá começando a fazer um trabalho no MDF que vai priorizar a juventude, você não gostaria de vir pra equipe central, pra fazer isso? Pode ir pensando’. Aí ele vinha uma semana depois e falava ‘e aí já resolveu? Pô, a gente acha que você tem perfil pra isso’¹². [Trecho da entrevista de André].

André largou o emprego e ingressou no MDF justamente quando o movimento aniversariava 25 anos de atuação. Não só André, mas a geração mais

¹² “É prática do Patrick ficar te avaliando sem você saber. Ele fez isso com quase todo mundo que está no movimento. Via a pessoa na Igreja, achava interessante pra participar do MDF e ficava só observando. Era quase como um teste, se você passasse (risos), você era convidado por ele para participar.” [Fala de uma das lideranças do MDF].

nova de lideranças, ingressantes nos últimos dez anos, referencia o *peso* que essa história tem para quem chega mais recentemente¹³.

Em 2005, André então passou a integrar a designada *equipe central* do MDF, responsável por realizar visitas e levantar as necessidades das quarenta favelas assessoradas pelo movimento. A partir desse ponto a narrativa de André, contada em primeira pessoa do singular, passa a ser retratada através do “nós”; como se a história a ser contada fosse parte de uma experiência coletiva, não tão somente individual.

No novo trabalho André sentiu a diferença em “trabalhar com gente”, como ele gosta de ressaltar. Passou a ser dar conta que as habilidades e competências requeridas para a função eram diferentes de qualquer emprego pelo qual ele havia passado:

[...] não é o tipo de trabalho que você cumpre oito horas, você liga isso, monta aquilo e pronto. Nosso primeiro ano de trabalho foi muito descobrindo o que cada um teria que fazer. [...] Um ano de descoberta, de aprendizado... em que você vai patinando sempre. [Trecho da entrevista de André].

Apesar desse tempo de adaptação e aprendizado, André enfatiza que “às vezes nós somos jogados nas coisas”; e que a partir dessa experiência, em situações para as quais ele não se sentia devidamente preparado, ele aprendia ainda mais. Ao contar sobre sua ida às primeiras reuniões com os movimentos de moradia, André reitera que a vivência e a convivência entre pessoas e espaços políticos foram lhe formando enquanto “liderança”.

*Aí já me mandaram pra reunião da União Nacional dos Movimentos de Moradia. Pô é movimento nacional, tem uma puta articulação. Um pessoal lá, sabe... tudo **cobra criada na política**. Aí você é jogado no meio de tudo isso e ainda representando o MDF, pô, que na época que eu entrei estava nos preparativos de 25 anos do movimento. Aí eu olhei um pessoal lá ligado à política, uns **papas da política** que eu olhava assim e... caramba né?, tem uma puta história a coisa. [Trecho da entrevista de André].*

¹³ “Você chega com seus 30, trinta e cinco anos aqui e vê que o movimento já tem 25 anos de estrada. Dá um peso sabe, uma responsabilidade com essa luta histórica das favelas.” [Trecho da entrevista de André]

“Eu acompanhava o trabalho do MDF da CEB em que eu participava, mas quando você entra aqui é outra coisa. [...] Aprendi muita coisa com a D. Lala [liderança antiga do MDF], ela tinha uma história gigante no MDF, já tinha uns 20 anos de prática de atuação nas favelas.” [Klaus, também liderança do MDF há mais de dez anos.]

Você vai conversando, conhecendo e a intensidade e possibilidade dessas experiências que vão te formando, que você já aprende como agir, falar, observar. [...] Amadurecimento não tem a ver com tempo, às vezes, como no meu caso, foi a intensidade das responsabilidades e das experiências que me foram proporcionadas que fizeram com que eu amadurecesse. O amparo de referências também, de conhecer e aprender com quem tá nesse meio. [Trecho da entrevista de André].

Mesmo tendo sido proferidas em entrevistas diferentes, tais falas de André remetem-se a um mesmo momento, o do início de sua participação no MDF; e estão repletas de elementos interessantes a serem analisados. Primeiramente, o termo **articulação** é constantemente utilizado por André e, também está presente no “vocabulário” de outras lideranças da favela. Em suas falas, o termo ganha uma ambivalência que tende a designar tanto os processos de construção de ideias e alianças entre atores e grupo, como a assinalar uma qualidade e “habilidade” daqueles que estariam envolvidos por mais tempo no mundo da política.

Nas clivagens criadas por André, categorizadas como **cobra criada na política e papas da política**, André buscaria qualificar assim os militantes e políticos¹⁴ já conhecidos e aclamados no mundo da política. São atores apropriados das “regras do jogo” da política e que as manuseariam com muito mais sagacidade em suas atuações. Um ponto que chama atenção é novamente a relação feita entre religião (“papas”) e política. Isso evidencia o uso que André faz de referenciais que lhe sejam impregnados de sentido, como a própria figura do “papa”, para nomear aqueles de longa trajetória no meio político, e por quem ele nutria admiração.

Inicialmente, André traça uma linha simbólica entre ele e os militantes mais antigos, em que a experiência na negociação política e o período de atuação eram o que os diferenciava. Ao longo do tempo, mas principalmente em razão das experiências que ele classifica como “intensas”, é que ele passa a compartilhar das visões, códigos e normas de conduta dos que já eram “da política”.

Com esse seu aprendizado notável no meio da política, André passou a ser responsável pela função de “articulação política” no MDF. Sua nova função envolveria intermediar o diálogo entre as demandas da população da favela com os órgãos públicos, participar de eventos e reuniões sobre o tema da moradia e articular a relação do MDF com os demais movimentos sociais. Detentor de

¹⁴ A designação “políticos” na fala de André servia para classificar os atores mais ligados à política institucional do que ao campo movimentista.

tamanha calma e habilidade de mediação, seu tato ao comunicar-se faz com que ele seja um bom negociador político. Não à toa, André é colocado constantemente **na linha de frente** de diálogos tidos como conflituosos e que envolvem adversários políticos ou forças estatais, como a própria polícia militar, em momentos de manifestações e ocupações.

André não se resigna em participar de ações tidas como disruptivas. Conta ter participado de atos e ocupações com a União dos Movimentos de Moradias (UMM), e mais recentemente, em julho de 2014, organizou uma ocupação num terreno particular próximo à favela. Tudo isso muito bem combinado com ocasiões em que ele diz ter de “se sentar-se à mesa de gabinete para dialogar”¹⁵.

Com a oportunidade que o MDF tem lhe proporcionado de conhecer diversos cantos do Brasil e do mundo, somam-se aos seus destinos países como Alemanha, Espanha, África do Sul, Tanzânia, Quênia, Dubai e Austrália¹⁶. Em meio a essa vida atribulada da militância, André tenta terminar o curso de Direito em uma faculdade particular da região, tendo-o trancado algumas vezes em razão das viagens e dos **compromissos com a luta**. A luta com a qual André se vê comprometido envolve o fortalecimento do movimento, sendo solidário a ele, bem como “prestar-se à luta com aqueles que lutam para sobreviver” (PATERNIANI, 2013, p.185).

São essas vivências e as “intensas experiências” de André que vão estreitando cada vez mais suas relações com aqueles que nomeara anteriormente de “papas da política”. Tais processos vão delineando sua forma de ler e compreender como lidar com suas alianças políticas em períodos de eleições e disputa de cargos:

*Estava falando com o Luiz [jovem liderança da favela] até agora a pouco, porque período de eleições eles [candidatos pelo PT] começam a ligar né, nos procurar, ver se vamos apoiar quem e tal... De fato, tem apoios que são mais **funcionais** que é só pela campanha; mas tem outros mais **estratégicos** pra gente, porque podem desenrolar em propostas para serem construídas juntas, apoio. [...]. A gente tem que perceber isso né... porque assim, todo mundo quer*

¹⁵ Sobre a combinação de diferentes repertórios de ação utilizados pelos movimentos de moradia, sobretudo a UMM, ver Tatagiba, Paterniani e Trindade (2012).

¹⁶ As viagens são custeadas pelas organizações financiadoras dos projetos do MDF sendo essas, atualmente, a CAFOD (*Catholic Agency for Overseas Developmen*) e a Caritas-Austrália. O intuito dessas viagens seria o de promover a formação política e troca de experiências entre militantes e organizações de diversas partes do mundo, além das organizações poderem verificar e acompanhar *in loco* o andamento dos diversos projetos.

dar uma de “pai dos pobres”, e a gente não precisa mais disso aqui. [Trecho da entrevista de André].

André demonstra “astúcia”, nos termos de De Certeau (1994), para lidar com a “estratégia” vigente no jogo da política, sobretudo da política partidária. A distinção e análise que faz entre os apoios concedidos durante o período eleitoral evidenciam uma forma de apropriar-se do que é tido e lido meramente como “clientelismo político”. Como tem mostrado Javier Auyero (2011), sem negar que o clientelismo é uma forma eficiente de obtenção de votos e que se configura de forma assimétrica; a mediação clientelista também seria um meio efetivo das camadas mais pobres “obterem muitos serviços urbanos que, de outro modo, estariam indisponíveis para aqueles que não têm contatos” (AUYERO, 2011, p.130). Refutando, e também rechaçando, a constituição de relações paternalistas e assistencialistas entre candidatos políticos e a favela, André atribui a si e aos demais moradores da favela capacidade de se colocarem por seus atos e demandas, de se projetarem na política. Concomitantemente, André também evidencia uma tentativa de monopolizar as relações políticas para aqueles que seriam as lideranças da favela.

O André do MDF e o André da Habitação: administrando posições, papéis e conflitos

Somente nesse tempo de pesquisa em que o acompanhei, André assumiu e também deixou cargos e participações em diferentes grupos e instituições. Essa participação política simultânea e acumulativa foi analisada por Mische (1997), em sua pesquisa sobre redes de jovens e participação política na década de 1990, na qual a autora percebe que:

No contexto brasileiro, uma ponte importante se constrói por meio do fenômeno da ‘militância múltipla’, no caso de jovens que são simultaneamente lideranças no movimento estudantil, nos partidos políticos, nos grupos da igreja, ou em outros movimentos e organizações. Apesar das afirmações da ‘autonomia’ dos movimentos e protestos contra a ‘partidarização’ das entidades, na verdade, as redes de liderança são extremamente interligadas. Facções do movimento estudantil são intimamente ligadas à participação em partidos e tendências de esquerda. (MISCHE, 1997, p. 145).

Mische designaria como “militância múltipla” o padrão que caracterizaria os militantes brasileiros, em que combinariam uma variedade de participações e inserções institucionais (grupos religiosos, entidades sociais, movimentos, partidos, governos, fóruns institucionais etc.), diluindo e nublando as fronteiras e formas de pertencimento.

Numa breve observação da multiplicidade de inserções de André, veremos que tal padrão se faz presente em sua trajetória política. Perpassando em ordem cronológica por alguns *turning points* – tidos como momentos decisivos de mudanças em uma carreira (BECKER; STRAUSS apud KUSCHNIR, 2001) – em sua trajetória, isso se torna mais explícito. Desde 2005, André integra a equipe central do MDF, no cargo de educador¹⁷ e como militante. Em 2007, André tornou-se membro da coordenação executiva estadual da UMM-SP, na gestão 2007-2009. Somado a isso, André e algumas lideranças do MDF ainda constituem a Secretaria de Favelas da UMM-SP¹⁸. No ano seguinte, André filiou-se ao PT, junto com sua esposa Maria Rita. Ambos passaram, assim, a participar das reuniões e assembleias do partido, no diretório zonal e em outros espaços ampliados. Desde 2013, com o resultado das eleições internas do partido, André foi designado ao posto de Articulador de Diálogo com Movimentos Sociais, no diretório zonal do PT no bairro. Nesse mesmo ano, André foi eleito para o Conselho Participativo Municipal de São Paulo, e como suplente do Conselho Municipal de Habitação da mesma cidade. Funções, papéis e representações que se acumulam, se combinam, assim como se conflitam.

Como já preconizado por Cardoso (1994) primeiramente, deve-se afastar o idealismo e romantização da “fase heroica” dos movimentos sociais, que consolidou na Academia a visão dos movimentos como uma forma de participação “anti-institucional” e espontaneísta, fazendo com que, na maioria dos estudos acadêmicos, a relação próxima entre movimentos sociais e instituições políticas

¹⁷ Destaco o fato de sua participação no MDF também se configurar como trabalho e ocupação, pois isso implica numa mudança do caráter e da dedicação à militância desses novos atores, como analisa Cavalcanti (2006). “Se no decorrer da década de 1980 e começo dos 1990, a maioria das lideranças entrevistadas militava de forma voluntária na UMM, durante os anos da gestão Marta, estas mesmas pessoas atuavam nos movimentos de forma profissionalizada, ou seja, ganhavam dinheiro para atuar politicamente.” (CAVALCANTI, 2006, p.103-104 apud TATAGIBA, 2011, p. 248).

¹⁸ As Secretarias da UMM-SP são instâncias permanentes, de caráter consultivo, que têm por objetivo articular os segmentos que se organizam no âmbito da entidade para aprofundar temas ou organizar ações, agendas e pautas comuns em sintonia com a coordenação estadual da entidade. Assim, as Secretarias possuem um caráter setorial e buscam fortalecer a incidência e a transversalidade do tema da moradia. A saber, são elas: Cortiços, Favelas, GLBTT, Idosos, Juventude, Mulheres e Negra(o)s.

fosse considerada, antes de tudo, evidência de cooptação. As afinidades e proximidades entre esses campos eram assim expressas e relativizadas na fala de André:

*Minha filiação aconteceu em 2008... é 2008 mesmo! E foi meio que indo né... Essa coisa de ser de esquerda é muito um jeito de ser, de pensar e de agir. Tem um vídeo no **Youtube** do Leonardo Boff falando disso, do tipo ‘se você faz isso ou aquilo, cara você é de esquerda’. Por isso tem gente que é e não sabe (risos). Então, foi meio natural minha aproximação com o PT, pelo relacionamento com lideranças da Igreja e da política aqui na região. [Trecho da entrevista de André].*

Como pude mostrar na história do MDF, a proximidade, e até conjugação, de papéis entre lideranças do movimento e do partido, sempre há de implicar trânsitos e trocas entre esses dois campos. A relação entre o MDF e o PT também explicita a sua filiação e permanência na UMM, tida como o movimento de moradia “mais simpatizante ao partido” e que tem parlamentares do PT como aliados em suas ações (BLIKSTAD, 2011). Como pôde evidenciar Tatagiba (2011), durante a gestão da prefeita Marta Suplicy (2002-2004) imperou a “prática política de negociação” entre militantes dos movimentos de moradia, fazendo com que as ações de ocupações e manifestações fossem progressivamente reduzidas, prezando por uma relação permeada pelo diálogo com o governo.

Com a chegada de Fernando Haddad à Prefeitura de São Paulo, em 2013, veio novamente um desafio conciliar o papel de pressão ao governo, historicamente exercido pelos movimentos sociais, com o apoio e fortalecimento das políticas de governo do PT. Os conflitos vêm ocorrendo principalmente no interstício existente entre os governos petistas (municipal e federal) e suas relações com os movimentos sociais. Apesar da existência de canais institucionais de participação e diálogo, típicos das gestões do PT, esses estariam desempenhando a função de instâncias meramente consultivas e com baixo poder deliberativo, como contam alguns militantes. Há também por trás desses conselhos a tentativa de circunscrever o conflito num espaço que tenderia a prezar pelo consenso. André formula a seguinte análise sob essa dualidade entre apoio e pressão ao governo:

Se, pra você, ser filiado ou religioso te atrapalha de criticar algo que está errado, então isso não é libertário, sabe? A gente critica muita coisa, o Ticão [membro do diretório do PT na Vila Prudente] também coloca o dedo na

ferida, de umas coisas que o Haddad tem feito na cidade. Porque nós somos movimento social, a gente tem que bater também. [Trecho da entrevista de André].

Se já pareciam administráveis tais relações para André, um novo *turning point* em sua trajetória veio a complexificar mais ainda essas posições. No segundo semestre de 2014, André foi indicado por alguns políticos (deputados e vereadores) atuantes na região, como o principal nome para assumir o cargo de supervisor de habitação na Subprefeitura do bairro. Apresento uma síntese de duas situações etnográficas que ocorreram depois de André assumir o cargo comissionado:

André assumiu o cargo no final de outubro de 2014 e convidou-me a visitá-lo. Ao comparecer ao local informei na portaria, “vim falar com o André Nogueira”, o segurança retrucou, “o André da Habitação né?”, respondi afirmativamente. Lembrei-me de procurá-lo na favela por “André do MDF”, mas agora, ele também era “da habitação”.

Na tarde em que o acompanhei no novo trabalho, ele ausentou-se por meia hora para uma conversa com o Subprefeito, atendeu algumas moradoras da região com informações sobre o cadastramento em programas de habitação e também mostrou que estava desempenhando algumas tarefas mais burocráticas, como cadastrar documentos em um sistema da Prefeitura. Nesse meio tempo, conversamos sobre a situação das ocupações na região, André contou-me algumas informações “privilegiadas” a respeito da conjuntura do Ministério das Cidades e as expectativas para o novo governo Dilma. Atendeu alguns telefonemas, “são coisas do MDF, querem fazer uma matéria sobre as ocupações”, explicou-me. No final da tarde, André recebe uma ligação convidando-o a participar, como representante do MDF, de um evento com a presença do geógrafo britânico David Harvey. Ao desligar o telefone, respirou fundo, e às risadas dirigiu-se a mim, “é, tá dura essa minha vida de ‘dupla identidade’”. (Cena 1: Caderno de Campo, 25 de novembro de 2014).

Particpei da reunião intitulada “Transparência no Atendimento Habitacional, marcada para às 19h, “sob convocação da Supervisão de Habitação da Subprefeitura”, como descrito no evento do *Facebook* orga-

nizado por André. Cerca de trinta pessoas aguardavam o horário em frente à Subprefeitura, cujo portão encontrava-se fechado. Reconheci nesse grupo de pessoas alguns moradores das favelas, das ocupações e cumprimentei duas lideranças do MDF. Com dez minutos de atraso, o barulho de chave indicava que o portão seria aberto. André escancara o portão e diz “Boa noite gente, vamos entrar”. Uma estudante de arquitetura que me acompanhava e que também realiza sua pesquisa sobre a favela, dirige-se a André em tom jocoso: “Olha só André, você aí do outro lado, quem te via aqui antes batendo no portão (risos). Agora tem até a chave da Subprefeitura.”. André ri junto e satiriza sua própria situação: “Isso que é estar do outro lado né, literalmente (risos).”

A reunião ocorreu num amplo auditório, André primeiramente apresentou-se nessa reunião: “Bom, eu conheço muita gente que está aqui, mas para quem não me conhece, eu sou André e *estou* como supervisor de habitação aqui na Subprefeitura, desde outubro do ano passado”. Os critérios de elegibilidade e formas de cadastramento no Programa Minha Casa, Minha vida. Com microfone em punho, André passou boa parte da reunião explicando os processos de cadastramento no site que era exibido em um telão. André reproduziu duas vezes a fala “então *nós* da ‘sub’ estamos aqui à disposição de vocês para esclarecer quaisquer dúvidas sobre o cadastramento”. Quando se abriu um momento de perguntas e de tirar dúvidas, quase ao final da reunião, os questionamentos sobre o auxílio-aluguel e a morosidade na entrega das moradias tomaram a maior parte das indagações. André ouvia atentamente, anotava as questões num papel e informava quanto as situações particulares. Prestes a terminar a reunião, André reiterou “porque *nós* que moramos em favelas sabemos que a *burocracia* da máquina pública às vezes mais atrapalha do que nos ajuda né? Nesse caso então é importante a *gente* se apropriar de como ela funciona, de como funciona e como está o andamento das obras do Minha Casa, Minha Vida.” (Cena 2: Caderno de Campo, 26 de março de 2015).

“Dupla identidade” e “estar do outro lado” são termos jocosos que o próprio André usaria para classificar sua atual situação, ainda reforçada pela sua fala “estou como supervisor de habitação”, referindo-se a algo que lhe seria momentâneo e não inerente para a representação do seu “eu” (GOFFMAN, 1985) àquele determinado público. O espaço e momento de uma reunião, como indicou

Comerford (2002) ao etnografar reuniões camponesas, trata-se de um jogo que envolve a capacidade de falar e criar identidade com o público, prezando pelo reconhecimento desse. O uso do pronome “nós” com diferentes conotações, ora ser funcionário do governo, ora ser militante do MDF, ora ser morador de favela revelariam suas tentativas de administrar e criar relações de pertencimento e de identificação política com os diversos grupos e redes nos quais está inserido.

Cabe ressaltar que, se por um lado a nomeação de André foi comemorada pelos movimentos de moradia da região, por outro, isso gerou impasses com alguns políticos e lideranças da região que cogitaram que ele teria “se vendido”. Reproduzo aqui alguns trechos de matérias publicadas no jornal do bairro, cujo dono é um antigo adversário político do MDF:

Para minha decepção, André que se mostrava um grande idealista e, uma nova liderança no bairro, foi nomeado funcionário da Subprefeitura de Vila Prudente, no cargo de Supervisor Técnico. Como todos que obtiveram esse benefício, André será digerido pela sistema. É mais uma voz que se cala. Lembro do que disse Millôr Fernandes a respeito: “Desconfio de todo idealista que lucra com seu ideal. (IDEAL..., 2014a).

Na edição passada, escrevi nota dizendo-me decepcionado com a nomeação de André Delfino da Silva, dirigente do Movimento de Defesa do Favelado (MDF), como funcionário da Subprefeitura de Vila Prudente. [...] Não coloco em dúvida suas intenções, mas lembro que este velho escriba conseguiu levar água à favela junto antes de você nascer, aí pelos anos 78 e 79. Através de meu trabalho e da comunidade com o apoio do Círculo construímos uma creche. Com recursos próprios, construí a Capela São José Operário e a farmácia, também na favela. Portanto, tenho moral para fazer críticas. Nestes 45 anos de trabalho para o bairro, colaborei para que o metrô e o monotrilho chegassem em Vila Prudente, mas nunca tive emprego público, nem eu e nem um membro de minha família. Não sou filiado ou correligionário de partido ou candidato. Isso me dá inteira independência de opinião. Pensei que esse mesmo procedimento aconteceria com você. Errei. Com isso encerro o assunto. (IDEAL..., 2014b).

Questionando as intenções de André por ingressar num cargo de nomeação, o jornalista do bairro, Milton Seabra, autor do artigo citado, buscou atin-

gir a figura da liderança insinuando que sua entrada no governo, também tida como “benefício”, viria a calá-lo e a abandonar seus ideais. Kuschmir (2001) analisou que em situações sociais em que o mediador é trazido para dentro do segmento dominante, essa experiência seria vista como “traição” por aqueles que permaneceram no seu meio social de origem, pois esse estaria afastando-se de suas raízes. No caso em questão, Seabra buscava incitar nos moradores do bairro, principalmente entre os favelados, tal sentimento de “traição” com relação a André.

Na segunda matéria já se pode ler nas entrelinhas que, para além de atingir André por meio de infâmias e acusações publicadas no jornal, estava a intenção clara de atingir padre Patrick, com quem sempre disputou o reconhecimento como “benfeitor” na favela. Reivindicando seu mérito por diversas obras e ações atribuídas ao MDF nas décadas de 1970 e 1980, Seabra colocava-se como autoridade “com moral”, para expressar tal opinião publicamente. Mediante aos ataques público, André publicou uma réplica em seu perfil do *Facebook*. Pela extensão do texto, reproduzo aqui apenas seus principais trechos:

[...] Neste citado artigo se questiona a minha postura ética, algo que faltou à Folha de Vila Prudente.

Tenho 38 anos e sou morador da favela de Vila Prudente, filho de migrantes nordestinos. Nasci, criei-me e moro ainda no mesmo local. Constituí família e por meio da participação na comunidade de base da Igreja Católica, mais precisamente na igreja São José Operário, aprendi a transformar a fé em ação concreta.

Assim, a convite do Pe. Patrick Clarke, integrei a equipe central do MDF – Movimento de Defesa do Favelado – Região Episcopal Belém. Lá aprendi muito, através da missão do MDF que é: a defesa e promoção da dignidade do favelado na sua dimensão artística, política, pedagógica e religiosa, mediante o tripé: PRESENÇA, resistência e solidariedade. Essa missão tem norteado a minha vida, tanto social quanto política.

[...]Atualmente, tenho feito a articulação entre a comissão de moradores e o metrô sobre os impactos do monotrilho na favela. Tenho participado das Conferências de Habitação, Plano Diretor entre outras. Fui membro do Conselho Participativo Municipal na Subprefeitura, sendo inclusive o mais votado da região. [...]

Recentemente, fui convidado a estar na Subprefeitura, trabalhando na Supervisão de Habitação. Consciente da minha missão de PRESENÇA, resistência e solidariedade, mais uma vez respondo ao chamado de estar a serviço da população, colocando-me à disposição (não de um partido político como insinua tal publicação do jornal) mas da população de Vila Prudente. [...]

Por fim, tal publicação não irá me parar! Continuarei a serviço da população do bairro e não às opiniões que tentam me difamar.

Visto como percursor dos passos de Patrick, André sabe que sua figura associada assim à igreja, lhe garante aceitação e respeito por boa parte dos moradores da favela. Por outro lado, também lhe transfere disputas e adversários políticos históricos que tentam desmoralizá-lo em suas práticas e ações.

No entanto, o texto de André chamou minha atenção num primeiro momento por conter elementos e uma estrutura narrativa que se assemelhavam àqueles presentes nas entrevistas que ele me concedeu há cerca de um ano. A fala ensaiada de André evidenciava sua sagacidade em lidar com jornalistas e pesquisadores e em construir uma autobiografia que também se configurava como narrativa política sobre a favela e o MDF, sobretudo na repetição e ênfase de determinados valores culturais e morais como igreja e família. Além disso, ao exaltar sua projeção no **mundo da política**, André buscava estabelecer a esse fato uma relação de causalidade oriunda do reconhecimento e compromisso que possuía entre os moradores das favelas e do bairro.

Diversos questionamentos me tomaram ao deparar-me com essa situação. Seria a narrativa de André “verídica”? O quanto de seu relato foi autocensurado para que se criasse essa biografia irreparável? Por que criar e sustentar um mesmo relato autobiográfico para mim e para o público? A partir de tantas indagações e reflexões, pude perceber que desde aquele momento da entrevista André já me mostrava e dava pistas sobre como funcionava a política na favela. E eu, pesquisadora, num papel nada neutro, estava imbrincada nessas tramas da política.

Considerações finais

Na busca de acessar a conexão existente entre os indivíduos e as transformações da sociedade, são valorizados, na perspectiva biográfica, o auto relato, a ideia de trajetória, e a própria noção de biografia como formas de expressões

privilegiadas desse encontro. Como pode-se notar, a biografia, ao tornar-se discurso narrado pelo sujeito autor e protagonista, instaura sempre um campo de renegociação e reinvenção identitária. Dessa forma, o discurso se inicia a partir do ponto que o interlocutor deseja contar e enfatizar sobre sua própria pessoa. Tomo assim as possibilidades de relação e articulação entre etnografia e a perspectiva biográfica no fazer antropológico, como assim explicita Kofes (2015) ao formular que ambas são “[...] orientadas em sua atenção aos contextos de relações, às concepções, por uma atitude que não procura encaixar o objeto em categorias externa, mas extrair as construções com as quais operam os agentes em seus campos semânticos próprios.” (KOFES, 2015, p.37).

Para além dos desafios teórico-metodológicos aqui presentes na pesquisa e explicitados ao longo do texto, ao acompanhar trajetórias como a de André, torna-se possível compreender os deslocamentos e reordenamentos da ação coletiva, a partir do modo como esses atores concretos encarnam as mudanças a partir de suas práticas e das interpretações sobre a realidade que vivenciam. No campo da ação coletiva, essa abordagem visa a desestabilizar possíveis abordagens teóricas apriorísticas que estabeleçam clivagens e fronteiras entre os atores e sua atuação entre os campos movimentistas e da política institucional.

Da igreja ao MDF, entre o MDF e o PT, direto para a máquina pública se formulam os caminhos e interseções presentes nessa trajetória estudada. André procura administrar funções, papéis e representações que se acumulam, se combinam, assim como se conflitam. As distâncias e proximidades entre seus campos de atuação são constantemente remodeladas e tensionadas pela sua própria circulação e articulação de suas redes sociais, fazendo com que essa relação seja estabelecida e/ou reificada a cada contexto e situação política.

Sua posição como mediador consolida-se nesse trânsito e deslocamento entre mundos, espaços e grupos de níveis sociais e culturais bastante distintos. As experiências e códigos de conduta intrínsecos a esses espaços oferecem a André um capital social diferenciado para adentrar e permanecer no mundo da política. Acompanhar as cenas dos próximos capítulos da trajetória de André é perseguir os reordenamentos da ação coletiva e os contornos que essa poderá adquirir em diferentes contextos e situações políticas.

“MOLDED IN THE BATTLE AND SEATED ON THE DESK”: INTERMITTENTS OF A POLITICAL TRAJECTORY

ABSTRACT: *This paper presents the trajectory and experiences of a community leadership from Sao Paulo's slum since his participation in a Basic Ecclesial Communities (BEC), through entry in the Movimento de Defesa do Favelado (MDF), until his recent appointment to a commissioned post in sub-prefecture of the district and his acting in this space. Following the biography of my interlocutor, concerning his flowing and displacements between social movements field and institutional policy, I also set to show how this leadership conciliates different repertoires of action among the social networks and spaces in which he circulates and participates. More than establishing divisions or demarcate borders between the government and social movements, is through the action of a specific actor that I try to show how these spheres are in a constant interaction, negotiation and conflict making this relationship being established and/or reified in each context and political situation.*

KEYWORDS: *Community leadership; Slum; Political ethnography; Anthropology of policy.*

REFERÊNCIAS

AUYERO, J. Vidas e política das pessoas pobres: as coisas que um etnógrafo político sabe (e não sabe) após 15 anos de trabalho de campo. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 13, n.28, p. 126-16, set./dez. 2011.

BECKER, H. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1994.

BLIKSTAD, K. **O desafio de ser movimento social**: o caso da atuação do movimento de moradia por dentro de espaços da política convencional. 2011. Trabalho apresentado no 2º Fórum Brasileiro de Pós-Graduação em Ciência Política, São Carlos, 2011.

CARDOSO, R. L. A trajetória dos movimentos sociais. In: DAGNINO, E. (Org.). **Os anos 90**: política e sociedade no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.81-90.

COMERFORD, J. Reuniões camponesas, sociabilidades e lutas simbólicas. In: PEIRANO, M. (Org.). **O dito e o feito**: ensaios de antropologia dos rituais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. p.149-168.

DAGNINO, E. Os movimentos sociais e a emergência de uma nova noção de cidadania. In: DAGNINO, E. (Org.). **Os anos 90: política e sociedade no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.103-115.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DOIMO, A. M. **A vez e a voz do popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

FELTRAN, G. de S. **Desvelar a política na periferia: história de movimentos sociais em São Paulo**. São Paulo: Humanitas, 2005.

FILADELFO, C. **A coletivização como processo de construção de um movimento de moradia: uma etnografia do Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC)**. 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2008.

GOFFMAN, E. **A representação do ‘eu’ na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

IDEAL sob suspeita. **Folha de Vila Prudente**, São Paulo, 12 set. 2014a. Colunão. Disponível em: <http://www.folhavp.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=262&Itemid=124>. Acesso em: 15 nov. 2015.

IDEAL sob suspeita 2. **Folha da Vila Prudente**, São Paulo, 19 set. 2014b. Colunão. Disponível em: <http://www.folhavp.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=262&Itemid=124>. Acesso em: 15 nov. 2015.

KOFES, S. Narrativas biográficas: que tipo de antropologia isso pode ser?. In: KOFES, S.; MANICA, D. (Org.). **Vidas & grafias: narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia**. Rio de Janeiro: Lamparina & FAPERJ, 2015. p.20-39.

KOWARICK, L. **Viver em risco: sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil**. São Paulo: 34, 2009.

KUSCHNIR, K. Trajetória, projeto e mediação na política. In: VELHO, G.; KUSCHNIR, K. (Org.). **Mediação, cultura e política**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001. p.137-164.

MACHADO DA SILVA, L. A. A política na favela. **Cadernos de Estudos Brasileiros**, Goiânia, v. 9, n.41, p.35-47, 1967.

MALLART, F. **Cadeias dominadas: a Fundação Casa, suas dinâmicas e as trajetórias de jovens internos**. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2014.

MISCHE, A. De estudantes a cidadãos: redes de jovens e participação política. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.05-06, p. 134-150, 1997.

PATERNIANI, S. Z. Ocupação Mauá e poder de fabulação: considerações a partir de uma atividade de formação. **Revista Lugar Comum**, [S.l.], n.40, p.171-187, 2013.

SADER, E. **Quando novos personagens entraram em cena**: experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-1980). São Paulo: Editora Paz e Terra, 1988.

TASCHNER, S. P. Favelas em São Paulo, censos, consensos e contra-sensos. **Cadernos Metr pole**, São Paulo, n. 5, p. 9-27, 2001.

TATAGIBA, L. Relac o entre movimentos sociais e institui es políticas na cidade de São Paulo: o caso do movimento de moradia. In: KOWARICK, L.; MARQUES, E. (Org.). **São Paulo**: novos percursos e atores - sociedade, cultura e política. São Paulo: Editora 34, 2011. p.233-252.

TATAGIBA, L.; PATERNIANI, S. Z.; TRINDADE, T. A. Ocupar, reivindicar, participar: sobre o repertório de a o do movimento de moradia de São Paulo. **Opinião Pública**, Campinas, v. 18, n. 2, p. 399-426, nov. 2012.

TELLES, V. da S. Trajetórias urbanas: fios de uma descri o da cidade. In: TELLES, V. da S.; CABANES, R. (Org.). **Nas tramas da cidade**: trajetórias urbanas e seus territórios. São Paulo: Associa o Editorial Humanitas, 2006. p.69-116.

TURNER, V. **From ritual to theatre**: the human seriousness of play. New York: PAJ Publications, 1982.

VELHO, G.; KUSCHNIR, K. (Org.). **Media o, cultura e política**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

Submetido: 11/05/2016

Aprovado:11/10/2016

